

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

16 de Abril de 2024

A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO: O Outro 25 de Abril

BELLA CIAO - PER LA LIBERTÀ / 2022

Um filme de Giulia Giapponese

Argumento: Giulia Giapponesi e Armando Maria Trotta / *Diretor de fotografia (digital HD, cor, formato 16x9; imagens de arquivo a preto e branco):* Gianluca Ceresoli / *Música:* Marco Biscarini / *Montagem:* Francesca Allegra / *Som:* Luca Leprotti e Eugenio Mininori (desenho), Giovanni Tioli (montagem) / *Com as presenças de:* Ilkay Akhaya, Stefano Bellotti, Cesari Bernani, Edoardo Carrara, Floriana Diena Putaturo e outros.

Produção: Palomar; RAI Documentari; Istituto Luce - Cinecittà / *Cópia:* do Instituto Luce/Cinecittà (Roma), digital (suporte original), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Bari, 26 de Março de 2022 / *Primeira apresentação em Portugal*

Bella Ciao, um dos cantos dos resistentes italianos durante a Segunda Guerra Mundial, é uma das mais célebres canções políticas e/ou de resistência de sempre, mundialmente conhecida, a par dos hinos (e não canções destinadas a serem ouvidas numa relativa intimidade) que são a **Internacional** e o **Canto de Guerra dos Exércitos do Reno**, título original de **La Marseillaise**, que mais de duzentos depois de escrito conserva toda a sua força, embora enjaulado nas suas funções de canto patriótico oficial.

Bella Ciao – per la Libertà é um típico objeto televisivo, embora se estenda por cento e dez minutos e não pelos vinte e cinco ou cinquenta e dois que são por assim dizer obrigatórios no pequeno ecrã. Entre os maneirismos formais utilizados pela realizadora para tentar tornar o objeto menos banal podemos citar imagens feitas a partir de *drones*, *ralentis* quando algumas pessoas caminham e acelerações em algumas das muitas imagens de arquivo utilizadas. Por outro lado, não lhe ocorre inserir no ecrã a data em que tiveram lugar os acontecimentos mostrados pelas imagens de arquivo. Como todo objeto televisivo, **Bella Ciao – per la Libertà** é extremamente fragmentado e frouxamente estruturado, embora tudo gire à volta de dois temas essenciais, extremamente claros: a fama da canção (ainda hoje cantada, e não apenas em Itália, mas em espaços cujos habitantes são vítimas de opressão ou de brutal destruição como Izmir e Mossul) e as suas origens, nunca totalmente esclarecidas. Estes dois aspectos são abordados por Giulia Giapponese, o que prova que a ela bem percebeu por onde deveria abordar o tema do seu filme, fazendo-o porém a esmo, com idas e vindas, quando estes deveriam ter sido tratados separadamente, pois num documentário a pedagogia sempre é mais útil do que a demagogia. Dar a conhecer os factos antes de analisá-los é essencial para fazer uma análise digna deste nome. No entanto, antes mesmo de apresentar os factos, isto é a canção, Giulia Giapponese começa por dar a palavra a alguém que a contextualiza, de modo bastante banal e muito auto-satisfeito, um cantautor vagamente vestido de camponês, aboletado numa espécie de celeiro redecorado. Este é o primeiro exemplo do inevitável jogo televisivo de entrevistas entrecruzadas, por vezes artificialmente transformadas em diálogos, para supostamente apresentar diversos pontos de vista ou dar informações sobre diferentes aspectos da canção (teremos ao longo de uma hora e quarenta minutos de projeção outro cantautor, alguns antigos resistentes e outras pessoas que viveram a Segunda Guerra Mundial, um musicólogo, um jornalista, um estudioso do assunto). Não ocorre à realizadora

inserir a totalidade da letra no ecrã para que o espectador fique a saber precisamente do que se trata ou refresque a memória. Limita-se ela a inserir alguns dos seus trechos, que têm a função de sinais de pontuação na narrativa (terá sido uma ideia da montadora?) e fazem um formoso efeito visual no ecrã. Já que Giulia Giapponese não fez o que devia, lembremos que a letra da canção pode ser resumida assim (*ciao* é uma saudação de chegada e de saída, que pode significar *olá* ou *até breve*, mas aqui tem apenas este último sentido): *Uma manhã despertei / E deparei-me com o invasor / Ó combatentes, levai-me daqui / Ó bela até breve, até breve / Ó combatente / Morrer, er, er / Ó bela, até breve, até breve / Se eu morrer em combate / Deves sepultar-me / Sepultar-me lá na montanha / À sombra de uma bela flor / Ó combatente / Morrer, er, er / Ó bela, até breve, até breve*. O facto de não se tratar de um canto guerreiro, mas de uma peça que, com a bela simplicidade de uma canção folclórica, aborda com serenidade tanto o combate pela liberdade quanto a possibilidade da morte, o tema do homem que, mal desperta, despede-se da amada para ir lutar, o que dá conotações pessoais, afetivas ao seu gesto e até o facto das palavras *bella* e *ciao* serem mundialmente reconhecíveis devem explicar, pelo menos em parte, a perenidade da peça, que continua viva no século XXI e cujo arranjo musical conheceu diversas transformações.

A inegável frouxidão do filme, devida em parte à sua dispersão, ambas por assim dizer inevitáveis tratando-se de um objeto televisivo, para mais sobre uma canção celeberrima, é tanto mais lamentável que a realizadora e o seu co-argumentista souberam convidar algumas personalidades que lançam uma luz interessante sobre a canção. Para já, o/os seu/s autor/es é/são desconhecido/desconhecidos, o que pode ter sido um gesto de desprendimento do *partigiano* que a escreveu, como pode ser um indício de que as suas raízes são folclóricas (a hipótese, aventada por um dos intervencientes, de que é uma melodia judia da Europa Central parece mais do que duvidosa). De modo surpreendente e totalmente contestável, um dos especialistas convidados atribui o êxito da canção ao facto desta “*ter um aspecto kitsch*”, ao passo que outro levanta uma velha polémica: a canção mais célebre da resistência antifascista da Europa de 1939-45 jamais teria sido cantada durante este período, pois o seu primeiro registo dataria de 1951. Paradoxalmente, esta notícia, que outros intervenientes contestam (entre os quais uma senhora nascida em 1933), torna-se o ponto mais interessante do filme, pois “*inventar uma tradição*”, como diz aquele que afirma que a canção não foi cantada durante a guerra, é um gesto quase tão velho quanto a História. O que é inegável é que **Bella Ciao** “*é a canção símbolo da Resistência, ainda que não tenha sido cantada pela Resistência*”, assim como **O Couraço Potemkine** é o filme emblemático da revolução de 1917, embora a ação tenha lugar durante a revolução de 1905.

Antonio Rodrigues